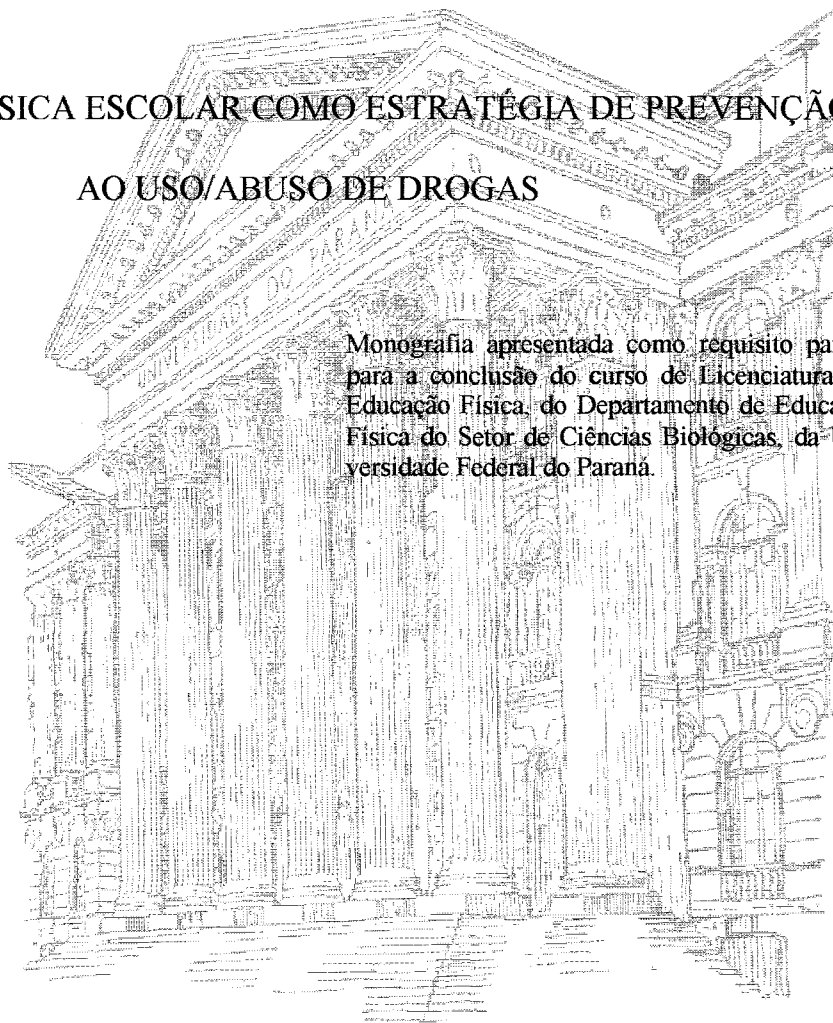


MARCELO NEIER DE SOUZA E SILVA

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO
AO USO/ABUSO DE DROGAS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física do Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.



**CURITIBA
2002**

MARCELO NEIER DE SOUZA E SILVA

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO
AO USO/ABUSO DE DROGAS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física do Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

**ORIENTADORA
ARACI ASINELLI DA LUZ**

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho às pessoas que desejam conhecer um pouco mais o trabalho de prevenção em uma forma diferenciada da aplicada em muitas escolas atualmente, aos meu amigos, professores e familiares, com quem eu sempre pude contar para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares, colegas e amigos, pela dedicação, apoio, compreensão e amor que sempre tiveram por mim.

Agradeço aos diversos professores que tive nesta vida, ajudando-me a decidir sobre minha profissão e aqueles que estão mais presentes atualmente.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	iii
AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO	vi
1. INTRODUÇÃO	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA	1
1.2 OBJETIVOS	4
1.2.1 Objetivo Geral	4
1.2.2 Objetivos Específicos	4
2. REVISÃO DE LITERATURA	5
2.1 BREVE RELATO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA	5
2.2 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS	6
2.3 CONTEXTUALIZANDO A PREVENÇÃO DO ABUSO DE DROGAS NA ESCOLA	6
2.4 EDUCAÇÃO FÍSICA COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO.....	7
2.5 ALGUNS CONCEITOS DE PREVENÇÃO UTILIZADOS	11
2.6 MODELOS DE PREVENÇÃO INTERNACIONAL	12
2.7 MODELO DE PREVENÇÃO NA PERSPECTIVA DE REDUÇÃO DE DANOS	15
3. A MÍDIA E SUAS INFLUÊNCIAS	20
4. METODOLOGIA	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

RESUMO

O presente trabalho discute a Educação Física enquanto espaço de intervenção pedagógica voltado para a prevenção do abuso de drogas na escola. Destacamos, desta forma, a vivência da interrelação entre professor – aluno / aluno – aluno tendo como foco de ação a pessoa enquanto sujeito de sua história. A idéia central sugere a prática de oficinas de trabalho como metodologia eficiente no campo da prevenção.

Este é um trabalho de revisão de literatura que procura discutir a utilização de drogas na escola, situando o assunto de uma forma geral especificando a Educação Física escolar como um espaço para a utilização de dinâmicas de grupo com a finalidade diferenciada de prevenção ao uso/abuso de drogas.

A utilização de drogas ocorre há muito tempo em todas as sociedades e muitas vezes é um instrumento de agregação de pessoas. Atualmente está sendo muito incentivada pela mídia, que está se utilizando cada vez mais de propagandas mais atrativas.

Certamente a utilização de drogas não vai se acabar por meio de estratégias de prevenção, mas estas servem para deixar as pessoas cientes do que pode acontecer e assim poder escolher o que seja melhor para si naquele momento de sua vida (perspectiva de redução de danos).

1. INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

Venho trabalhando, com o assunto drogas, da prevenção até o tratamento, desde 1998, quando trabalhei em uma clínica para dependentes químicos, após fui voluntário do Programa Com-Viver¹, o que me instigou a estudar sobre o assunto prevenção.

Neste trabalho o termo droga será tratado diferentemente da definição da Organização Mundial da Saúde (OMS) que o define como sendo toda a substância que introduzida no organismo, altere uma ou mais funções orgânicas. Como os medicamentos também alteram as funções do organismo para melhorar doenças, esses não podem ser chamados de drogas no enfoque deste trabalho. O termo Drogas então, indicará as substâncias que introduzidas no organismo humano alteram uma ou mais funções cerebrais, e que comprometam imediatamente ou a longo prazo, a integridade, a saúde e até mesmo a vida da pessoa.

Devido às experiências vividas e as discussões realizadas durante todo o tempo dentro dos projetos, observando e diagnosticando certos problemas de ordem social em populações de diferentes lugares, e classes sociais, sente-se a necessidade de explicar sobre um dos aspectos que abrange a todas as camadas da sociedade: o consumo de drogas.

O ser humano é um ser de relações (MILITÃO, 2000..) consigo mesmo, com outros seres, com o ambiente e seus bens. Essas relações podem caracterizar os 'pilares' da pessoa, ou seja, os valores éticos, morais, afetivos e espirituais que determinam seus comportamentos. Por ex.: quando se tem um problema, compartilha-lo com alguém, de forma terapêutica ou não, tem se mostrado eficiente na busca de solução, como também realizar alguma atividade prazerosa que auxilie na diminuição da ansiedade frente ao problema. Quando a pessoa já não tem mais esses 'pilares' para se apoiar, ela busca outro, e um de fácil acesso é a droga, que em seu estágio inicial de uso pode ser uma droga lícita, mas pode haver a escalada e passar a uma droga de uso

¹ Programa de Extensão Universitária "Com_Viver: a prevenção como instrumento de cidadania", UFPR, 2000.

pesado e, com o decorrer do tempo, se a pessoa não souber encontrar outros mecanismos para resolver seus problemas.

É preciso salientar os termos uso/abuso de drogas, que gera muita controvérsia. É comum encontrar-se pessoas com a idéia de drogas lícitas (legal perante a lei), (FERREIRA, 1986) como aquelas que não fazem mal. Muito pelo contrário, lícitas ou ilícitas, todas são drogas, e como tal, se forem utilizadas o devem ser com muito cuidado, haja visto o problema da embriaguez, o câncer, a cirrose, acidentes e outros relacionados ao uso de drogas lícitas.

A idéia central deste trabalho é a de utilizar-se destes e outros argumentos, para incitar os professores de Educação Física à fazerem de suas aulas não apenas espaços para a prática desportiva escolar, mas também um espaço de práticas corporais com discussões referentes a temas de interesse social porque aflige toda uma sociedade em qualquer parte do mundo. O professor de Educação Física é um grande formador de opinião dentro de uma escola (LUZ, 1994) e, justamente por isso, pode ser um excelente agente de prevenção.

A prevenção deve, por lei fazer parte do currículo básico das escolas em todos os níveis, desde a educação infantil, até a pós-graduação². Sendo assim, percebe-se ser preciso contribuir com estudos nesta área, propondo como estratégias de ensino para as aulas de Educação Física sugestões de oficinas apropriadas ao planejamento anual e ao currículo básico das escolas, podendo ser adaptadas a qualquer série. Estas são de manejo simples e de fácil compreensão por professores e alunos, contribuindo para interessantes discussões.

De um modo geral, as palestras de prevenção não produzem o impacto necessário para uma mudança de comportamento dos alunos e têm como foco, informações sobre as drogas, como são utilizadas, o que pode vir a acontecer com o organismo depois que a pessoa estiver sob o efeito da mesma, etc.... (LUZ, 2000).

A cultura de se levar um policial para dar uma palestra na escola, ou de levar um ex-dependente para dar depoimentos nem sempre é recomendável pois pode levar

²PORTARIA nº 1.656, do MEC, de 28 de novembro de 1994.

os alunos a terem a droga como algo que merece muita atenção, podendo até despertar uma maior curiosidade.

Quando se discute prevenção escolar, geralmente vincula-se esse trabalho à disciplina de ciências, entretanto, a prevenção é um trabalho interdisciplinar que deve estar presente em toda a ação educativa independente da área de formação do professor.

BARON (2000) além de destacar a prática de atividades físicas como indispensável à vida saudável lança a seguinte questão: “Por que não utilizar a prática de esportes como medida de prevenção para o uso de drogas?....”

Nas aulas de Educação Física, espaço de formação de cidadãos, é recomendável o uso de práticas desportivas e corporais sim, mas tomando o cuidado para não dar a idéia falaciosa de que os praticantes, em equipe e sem distinção, se ajudarão a conseguir um objetivo comum, ou a idéia olímpica, que através do esporte se atingirá do congrassamento dos povos e os problemas mundiais se acabarão.

Um ponto polêmico é o de tratar os indivíduos praticantes de esportes como organismos (visão biologicista), e analisar apenas as implicações que ocorrem quando do uso de drogas. Embora fator importante, não deve ser o único fator a ser levado em consideração quando trata-se de prevenção. .

Logo, o esporte é por si só “um excelente meio de prevenção contra o uso de drogas, mas não pode ser aceito assim, tão facilmente, deve ser discutido melhor.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Destacar a disciplina de Educação Física como um espaço formal de prevenção ao uso/abuso de drogas na escola tendo em vista a vivência de interrelação entre professor – aluno/ aluno –aluno tendo como foco de ação a pessoa enquanto sujeito de sua história.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Valorizar as oficinas de trabalho como estratégia de ensino eficiente na prevenção ao uso/abuso de drogas no âmbito da Educação Física escolar.

Desenvolver a prevenção ao uso/ abuso de drogas no âmbito da Educação Física escolar como meio de promoção do desenvolvimento integral das pessoas e dos grupos sociais que ali interagem.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 BREVE RELATO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física há muito tempo vem sendo (re)estudada. Desde os primórdios da humanidade, já existiam atividades físicas que eram praticadas pelos homens pré-históricos através da caça, corrida para pegar ou fugir de predadores, lançamentos de pedras e flechas para conseguir alimento, enfim a atividade física era exclusivamente pela sobrevivência.

Dando um salto na história, no século XIX, na Europa, a ginástica afirmou-se como uma parte significativa, ela se firmou como uma forma de “educação do corpo” .

A ciência deste período dirige um certo tipo de esquadramento da vida em todas as suas dimensões, pretendendo estabelecer uma ordem lógica nas atividades e um adequado aproveitamento do tempo ou, mais precisamente, uma economia de energias.

Após a 2ª guerra mundial, criou-se um novo sistema de Educação Física, a Educação Física Desportiva Generalizada (ginástica + desportos), cujos objetivos eram: a) Iniciação à vida social e coletiva; b) Iniciação ao esforço; c) Iniciação à técnica

As concepções da Educação Física mudaram muito com o passar das décadas durante o século XX. No começo do século (Décadas 30/40) a concepção militarista/higienista era muito forte, esta visava minimizar o quadro de problemas relacionados à saúde pública. Já durante as décadas de 50 e 60, teve-se uma concepção muito forte da Educação Física esportivizada e tecnicista, os movimentos deviam ser executados de maneira correta a fim de ter o melhor rendimento possível.

Por volta dos anos 70, começa um paralelo Educação Física e Pedagogia, destacando propostas de psicomotricidade. A Educação Física começa a ser mais discutida num paradigma humanista. Nos anos 80 e 90 a Educação Física ganha ênfase as concepções de Educação Histórico-Crítica e Crítico-Superadora, criando uma identidade para a Educação Física Escolar na perspectiva da cultura corporal, objetivando a formação do ser humano consciente de seu papel na história e sua força na transformação social.

2.2 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

O Brasil, país de múltiplas diferenças culturais e desigualdades sociais, apresenta-se claramente configurado dentro de perspectivas históricas de classe que sempre permearam seu contexto de desenvolvimento sócio-econômico.

Tais perspectivas, manifestadas na luta de classes, sempre se caracterizarem dentro do que PALAFOX , (1996) denomina *campos em disputa por uma hegemonia política, instrumental e teórica* em busca de um modelo de sociedade projetado como sendo o mais adequado para a garantia da sobrevivência, desenvolvimento e felicidade da espécie humana.

Esta questão, totalmente desconsiderada dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), demonstra uma preocupante leitura histórica da realidade que , contrariamente ao que se propõe os PCN's, contribui profundamente com o mascaramento das profundas contradições emergentes do processo de reprodução do modelo de sociedade atual e, em conseqüência, das relações sociais dominantes que tem contribuído com um tipo de formação de professores e alunos, alienados do conhecimento, prática institucional, mecanismos de dominação e controle social mais amplos, exercidos pelo poder econômico que os sustenta, e objetiva simbolicamente (MUÑOS E TERRA, 1997)

2.3 CONTEXTUALIZANDO A PREVENÇÃO DO ABUSO DE DROGAS NA ESCOLA

Sabe-se que a toxicodependência não possui causas estabelecidas e cientificamente determinadas. Porém, ela pode ser interpretada como resultante de inúmeras causas sociais concretas. Sejam quais forem suas causas, o uso de drogas tem se justificado pela busca de um prazer imediato não encontrado normalmente no cotidiano de algumas pessoas.

O índice de adolescentes que experimentam e utilizam drogas aumenta a cada dia. A ausência de uma cultura de prevenção na sociedade, na família e na instituição escola pode estar colaborando para que isso aconteça.

Os próprios professores, muitas vezes, deixam de reconhecer a escola como um espaço sociocultural e instituição regida por um conjunto de normas e regras que buscam delimitar a ação dos seus sujeitos, “constituindo-se num espaço que comporta uma complexa trama de relações sociais entre sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição e de normas e estratégias individuais ou coletivas, de transgressão e de acordos”.

Por outro lado, a escola secundariza o fato de os alunos serem jovens, o que estes buscam na escola além da dimensão intelectual, o que significa para eles a instituição escolar e o significado das experiências vivenciadas neste espaço.

Superar esta visão homogeneizante e estereotipada, que determina a identidade reduzida à dimensão das categorias “alunos” e “professores”, e, conseqüentemente, compreendê-los em suas diferenças, visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, suas lógicas próprias para a determinação de comportamentos e hábitos, ou seja, compreendê-los como sujeitos socioculturais, deve ser meta básica do programa (bloco de

güísticas que satisfazem as exigências da escola. Esta ‘bagagem’ veio toda da educação familiar. A escola, para este grupo seletivo de alunos, apenas faz progredir esta formação sociocultural. (SANTIN, 1990).

Para estas crianças, a escola normalmente não é um problema. Por elas já carregarem alguns pré requisitos básicos para o processo ensino aprendizagem, podem participar com sucesso deste processo. Muitas delas já imaginam uma futura profissão que futuramente possam exercer, ingressando em uma universidade.

KUNZ (1991) salienta que a Educação Física para estes parece ser uma disciplina que coloca dificuldades justamente por exigir capacidade de rendimento para os quais a maioria não apresenta pré condições básicas, principalmente físicas, para uma participação bem sucedida. Para estes falta na maioria das vezes experiências ativas no seu movimentar-se, e não por que necessitam trabalhar, mas pelas múltiplas atividades passivas colocadas à disposição pelo mundo moderno, e para isso contribuem muito a televisão, o video game e o computador.

Já as famílias menos privilegiadas não se encontram em condições de possibilitar às suas crianças os pré requisitos do ensino citados acima. A educação/socialização infantil se orienta basicamente para a produção dos meios de sobrevivência através do trabalho remunerado. Consequentemente a escola tem também, para diferentes grupos sociais.

Estas crianças geralmente encontram uma barreira muito forte no tocante à disciplina, uma vez que a maioria destes alunos não se sujeita a aceitar os padrões de valores e normas da escola. Como na educação familiar as crianças não aprenderam a obedecer ordens e escutar, em silêncio, uma pessoa falar, fica difícil para as mesmas acatarem as exigências da escola. Na realidade estas crianças trazem em sua bagagem uma realidade na qual a escola dificilmente poderá mudar KUNZ, 1991.

A escola para estes alunos praticamente tem pouquíssima importância, que influenciados pela educação familiar e pela desprivilegiada situação de vida, são obrigados a se adaptar muito cedo ao mercado de trabalho, se transformando em mão-de-obra barata. KUNZ (1991) ainda ressalta que a escola somente consegue ‘segurar’ es-

tes alunos com a merenda, os amigos e a Educação Física , ou pelo menos o jogo após a mesma.

A Educação Física dentro das escolas privadas tem como objetivo dos professores, geralmente, o desenvolvimento de atividades que resultam na formação técnico-esportiva orientada para o esporte normatizado e de rendimento e os alunos são divididos em duas categorias: os que têm melhores condições de alcançar sucesso esportivo e os que têm menores chances, dentre os quais a maioria reconhece cedo o seu papel de perdedor, fracassado, derrotado.

O conteúdo se concentra em poucas modalidades esportivas, onde as tarefas executadas pelos alunos objetivam conduzi-los ao máximo de desenvolvimento de suas potencialidades de rendimento motor, através dos exercícios de condicionamento e gesto técnico (SANTIN, 1990).

Essa concepção de ensino objetiva a especialização, onde os alunos são conduzidos a assumir somente determinados papéis pré-fixados no campo esportivo. Isso indica um ensino voltado exclusivamente para a concorrência, onde o sucesso de um depende exclusivamente do fracasso do outro, o que vai contra qualquer princípio de intencionalidade pedagógico, cultural.

Dentro das instituições públicas, a Educação Física sofre muito pela falta de materiais e estrutura das mesmas. As condições materiais da escola não permitem uma concentração de atividades para o treinamento de equipes. Mesmo as pré condições com relação a habilidades motoras específicas dos alunos, para uma iniciação nas modalidades esportivas, impedem em parte este desenvolvimento, ao desejado pelos professores.

Nas escolas públicas, com alunos de classe social pobre, o ensino se concentra demasiadamente na transmissão de normas e regras sociais ainda não familiarizadas pelos alunos. KUNZ(1991) ainda salienta que a Educação Física encontra um objetivo fundamental a ser seguido, ou seja: fomentar medidas disciplinares aos alunos. Assumindo o papel de submissos, os alunos são concientizados à disciplina de inúmeras formas. Como por exemplo pelas regras dos jogos, pela disciplinada realização de

exercícios de condicionamento ou ainda pela manutenção da fila e do silêncio durante a chamada SANTIN, 1990.

Pelos exercícios de condicionamento os alunos poderão aprender situações que podem interferir nas regras de condução social, as regras de espaço e tempo, etc. Desta forma, é rapidamente desenvolvida nos alunos uma habilidade para se adaptarem aos códigos e valores impostos pela sociedade.

Essa análise mostra bem o papel da escola, tanto pública quanto privada e o papel da Educação Física inserida nelas. Apesar da fonte ser relativamente antiga (KUNZ, 1991), a discussão apresentada pelo autor parece muito atual. Mas saliento ainda um problema que pode afligir professores de escolas públicas e privadas sem distinção: a questão da drogadição. Esta questão ‘não escolhe’ em que espaço aparecer, simplesmente aparece na escola, e uma ‘boa jogada’ dos professores é a prevenção.

Esta durante as aulas de Educação Física pode ser feita de diversas maneiras e uma das que aparentemente dá mais resultado é a vivência de dinâmicas de grupo. A eficácia dessas dinâmicas vem do simples fato de não se dar muita atenção a tema droga o que, como já citado (LUZ, 2000.), pode levar à curiosidade dos alunos, por ser um espaço de construção coletiva a respeito do assunto, pela atividade diferenciada das práticas esportivas (o que chama a atenção dos alunos), pela cultura corporal desenvolvida dentro desta, enfim, pela atividade em si, que se diferencia das práticas corporais realizadas nas aulas normais.

Uma das dinâmicas que podem ser realizadas é a “dinâmica da bala”, onde fica uma pessoa infiltrada no meio da turma (um aluno para não levantar suspeitas). A todos os alunos é explicado que vão participar de uma festa, prepara-se o ambiente, coloca-se uma música e começa a festa, o aluno infiltrado fica oferecendo bala aos colegas sem restrições, primeiro ele oferece, depois deixa que venha pegar. Dessa forma passam-se alguns minutos de “festa”, quando esta é parada e começa uma discussão sobre o acontecido. Quem era aquele menino? Porque ele oferecia balas aos colegas? Se fosse na vida real, o que poderiam ser aquelas simples balas?

2.5 ALGUNS CONCEITOS DE PREVENÇÃO UTILIZADOS

Vários órgãos públicos, empresas, dentre outros que se preocupam com a questão da prevenção às drogas, utilizam-se de meios que não atingem resultados muito significativos, como o da prevenção pelo medo (SANTOS,1998) como as propagandas anti-tabaco e drogas que passam na televisão, apenas informando que as drogas são prejudiciais à saúde, deixando de lado os demais prejuízos econômicos, ambientais, intelectuais. Isso pode, em muitos casos, incentivar o consumo por pessoas que ficam curiosas para saber o que se passa quando sob o efeito de drogas.

Segundo uma publicação da Direção do Controle de Drogas do Departamento de Justiça do Estados Unidos intitulada “Em Equipe Venceremos - Manual de Prevenção de Drogadição para Professores de Educação Física”, (1995), a prevenção é tratada nos moldes de que esporte é saúde, e em uma de suas passagens descreve as relações que o treinador deve ter com os seus alunos, (chamados de atletas na publicação).

“O programa de prevenção produziu duplo impacto na comunidade esportiva adolescente. Em primeiro lugar, devido a este, muitos estudantes tomaram a decisão de não utilizar o álcool e outras drogas. Segundo, aqueles estudantes que tomaram a lamentável decisão de utilizar álcool e outras drogas foram aconselhados e tratados, permitindo-lhes retomar um estilo de vida saudável, sem sofrer alienação e nenhum estigma social.

As três regras básicas do programa de prevenção da drogadição são:

- ⇨ Os treinadores devem falar periodicamente com os atletas sobre o álcool e outras drogas.
- ⇨ Os atletas devem usar de forma positiva a pressão de companheirismo para influenciar no comportamento de seus companheiros de equipe e outros estudantes.
- ⇨ Os treinadores devem trabalhar com os líderes das equipes de jogadores, orientá-los para que sirvam de modelos de conduta para os demais membros da equipe.

Os treinadores mantêm uma relação especial com os atletas e os estudantes que os têm como adultos. A maioria dos treinadores tendem a subestimar a influência que tem com os adolescentes que são treinados por eles. Você é um herói aos olhos de um jovem atleta. Você ocupa o posto de líder em um momento muito significativo da vida de uma pessoa jovem.”³

Essa passagem define muito bem as relações que em uma equipe deve-se ter para não existir a questão de drogas. Este aspecto do vínculo, da liderança, é possível se resgatar no Brasil, onde a escola e seus educadores sentem-se ainda bastante desprestigiados. A questão da drogadição por aqui não é simples, e envolve muitos aspectos além os do companheirismo. O que é mais interessante é que pessoas, instruídas, aqui no Brasil se baseiam nesse tipo de programa “importado” para fazer outros

do mesmo tipo, sendo que as realidades são diferentes e, conseqüentemente as maneiras de se lidar com tal situação também são diferentes. Mas o que importa, outra vez é questionar o papel das empresas apoiarem programas desse tipo que não produzem resultados significativos, para promover o nome e aumentar seus rendimentos, sem se importar realmente com as pessoas envolvidas nesse meio.

Essa questão é muito mais social que biologicista, neste tipo de programa de “prevenção” por meio do esporte incentiva-se muito a prática esportiva em praças públicas. Ora, facilmente percebe-se o número de adolescentes e adultos drogadidos em praças públicas onde tem-se um campo de futebol, uma quadra, e espaços para a prática desportiva. As praças devido à falta de iluminação e policiamento, passaram a ser um local de um local saudável para práticas desportivas, um local de encontro de traficantes e usuários.

Essa é uma prova de que programas do tipo citado acima devem se adequar à realidade onde o público alvo está inserido levando em conta as particularidades de cada cidade e/ou região do país, e não apenas copiar o que deu certo em outros lugares do mundo.

Ora, se formos retratar sobre o assunto esporte em seu real significado, falaremos de todos os aspectos biológicos, relações de competição, a exclusão, a divisão de classes, menos saúde e muito menos prevenção às drogas, visto que atualmente essa prática está cada vez mais competitiva, e os praticantes de qualquer modalidade não pensam mais em se divertir e apenas em ganhar e render mais, acabam utilizando-se de anabolizantes, e outras drogas para aumentar seu rendimento, essas acabam acarretando muitos problemas de ordem funcional, não raro as mortes por complicações hepáticas por ex-desportistas.

2.6 MODELOS DE PREVENÇÃO INTERNACIONAL

É uma prática comum afirmar que a prevenção é a melhor maneira de acabar com uso/abuso de drogas entre os jovens em idade escolar, mas raramente são expli-

³ Traduzido pelo autor

citados os pressupostos filosóficos e morais destas ações. Isso porque a opinião pública em vários países tem se tornado num mar de alarmismo e pânico, fazendo com que as drogas tornem-se um inimigo público número 1 destas sociedades. Assim sendo, os programas de prevenção estão se tornando cada vez mais imediatistas, esperando cada vez mais rápido o sucesso e isso deixa de lado uma questão importante: “Em qual concepção de sociedade e ser humano estamos apostando quando optamos por um determinado modelo preventivo”? (CARLINI, 1991)

Basicamente existem dois tipos de programas de prevenção, o de guerra às drogas, que traduz-se na intolerância às drogas; e o da redução dos riscos ao uso de drogas, que congrega pesquisadores e educadores que percebem criticamente o atual ciclo de intolerância e propõem intervenções alternativas às da guerra às drogas, tanto do ponto de vista ético como técnico (CARLINI-COTRIN E PINSKY, 1989 *apud* CARLINI)

Baseada em um documento que a Casa Branca (The White House) enviou para apreciação do Congresso norte-americano em 1989, e que apresenta as linhas mestras da política de drogas norte-americana, CARLINI comenta sobre os modelos de prevenção mais empregados neste país e que têm uma grande influência em países do terceiro mundo, como o modelo do amedrontamento, apelo moral, treinamento para resistência, pressão de grupo positiva e orientação aos pais (por outros profissionais especializados). Cada um desses modelos será explicitado abaixo:

O modelo do amedrontamento defende a estruturação de campanhas de informação que exponham, de modo democrático e enfático, somente as conseqüências negativas do uso de drogas. Seus defensores acreditam que o medo pode ser um bom aliado na prevenção.

O modelo do apelo moral: O enfoque utilizado neste modelo é de que o uso de drogas é fruto, principalmente, da falta de um código moral e ético que o condene. HANSEN *apud* CARLINI, destaca três tipos de atuação onde o apelo moral serve de modelo. O primeiro são os programas de compromisso, baseados em discursos cruzados que enfatizam as drogas como as culpadas pela corrupção moral das sociedades

contemporâneas. Utiliza-se com frequência recursos, como conchamar as pessoas a assinarem compromissos de se manterem longe das drogas, etc...

O segundo tipo de atuação promove discussões grupais denominadas de clarificação dos valores e procura demonstrar que os valores de cada pessoa, assim como seus planos pessoais, devem ser incompatíveis com o uso de drogas. O terceiro e último é o de normatizar o ambiente, que procura também através de discussões grupais, estabelecer regras morais que devem ser cumpridas por todos e que excluam as drogas do meio imediatamente circundante.

O modelo de treinamento para resistir (*resistance training*) objetiva treinar os estudantes a resistir às pressões para que se envolvam com drogas, por parte de seu grupo de pares, da mídia e até dos pais (se este for caso). Consiste, neste sentido, em uma série de exercícios e atividades de sala de aula que ensinam o estudante a recusar, a se esquivar, a não ceder perante a oferta de drogas.

O modelo da pressão de grupo positiva tem como tese central a utilização da pressão de grupo como um fator de influência para não utilizar drogas. A pressão de grupo, argumentam seus defensores, foi até agora considerada um elemento muito importante para a determinação do comportamento de consumir drogas entre os jovens. Por que então não usá-la de maneira inversa? Para isso, esse modelo prega o afastamento dos adultos e a utilização dos próprios jovens para a liderarem programas de prevenção. Propõe, assim, o contato dos adultos com líderes naturais dos adolescentes para treiná-los a lidarem com o problema, o incentivo de festas onde não existam psicotrópicos (*drug free parties*⁴) e o fortalecimento de organizações de ajuda entre os jovens.

Modelo de orientação de pais (por outros pais ou por profissionais especializados). O papel da escola neste modelo é apenas o de servir como instituição recrutadora de pais participantes. As atividades propostas pelos pais-orientadores ou profissionais treinados, são voltadas para reestabelecer ou reforçam o controle dos pais sobre seus filhos, reduzir a influência dos amigos, pressionar escolas e comunidades para terem regras que evitem que seus filhos se aproximem de drogas. Orientam-se os pais, tam-

⁴ Festas sem drogas

bém, para que saibam como perceber que seus filhos estão envolvidos com drogas, como fixar normas familiares de conduta e como dialogar com suas crianças (KLITZNER e cols, *apud* Carlini).

Tais modelos, segundo CARLINI (1992) compartilham da mesma idéia: a de centrar esforços na construção de uma postura intolerante às drogas entre os jovens ou entre aqueles que são responsáveis por eles, sendo assim modelos diretivos e intervencionistas, destinados a incutir, seja pela via moral, pelo medo, pelo treinamento ou pela disciplina uma atitude de rejeição às drogas e a seus usuários.

Ainda ressalta CARLINI que esse modelos de prevenção apenas se preocupam com as drogas ilícitas e não com as lícitas, ou seja, não há qualquer referência à prevenção de álcool, tabaco ou medicamentos.

2.7 MODELO DE PREVENÇÃO NA PERSPECTIVA DE REDUÇÃO DE DANOS.

A principal marca que caracteriza os defensores da prevenção voltada para a redução de danos, segundo CARLINI (1992), é a oposição à guerra às drogas (citada no capítulo anterior). Os argumentos que sustentam essa teoria são basicamente dois:

Primeiro: A postura de guerra às drogas é irrealista, centrar forças no sentido de construir uma sociedade sem drogas é negar as evidências históricas de que todas as sociedades humanas sempre conviveram com o uso de algum tipo de substância psicoativa.

Segundo: A guerra contra às drogas fere princípios éticos e direitos civis. Trabalhar no sentido de erradicar todas as formas de uso de drogas é ditar normas de comportamento e controlar os indivíduos e grupos sociais muito além do que é direito do Estado e das instituições.

A política de combate a todo e qualquer padrão de uso de drogas fere direito de as pessoas disporem livremente de seu corpo e da mente, e de poderem alterar seu estado de consciência através do uso de drogas, se assim o quiserem (Henman, *apud* CARLINI, 1992).

Os teóricos dessa segunda perspectiva afirmam que é mais realista, eficiente e ético trabalhar no campo de prevenção com o objetivo de reduzir os riscos que as drogas e o seu abuso trazem freqüentemente aos indivíduos e à sociedade.

São exemplos de objetivos preventivos, nesta segunda visão: o uso moderado de álcool, a não partilha de seringas para o uso de drogas, a restrição do uso da maconha a determinadas situações, a substituição de cigarros de alto teor de nicotina por cigarros *light*, a tentativa de retardar o primeiro contato com as drogas, para que este aconteça quando o indivíduo já estiver mais estruturado... Pode ser também objetivo destas linha de preventiva tentar formar educacionalmente pessoas que acreditem quem a opção mais segura é não usar drogas.

Os caminhos para se chegar ao objetivo de diminuir risco associados ao uso de drogas são bem distintos pelos defensores do mundo livre das drogas, enquanto este último declara que seus principais instrumentos são o temor às punições impostas pela lei e normas institucionais de constrangimento moral, a prevenção voltada à diminuição de riscos aposta na capacidade de discernimento do cidadão bem formado e informado e na possibilidade de que os próprios usuários recreativos e casuais, que queiram continuar usando drogas, possam aprender a consumi-las da maneira mais segura possível (pequena freqüência, pequenas doses, situação segura, etc.).

CARLINI (1992) comenta que em termos de ações concretas, o enfoque da diminuição de riscos viabiliza-se, na prática escolar, por cinco modelos básicos, que serão citados abaixo:

O modelo do conhecimento científico: Propõe o fornecimento de informações sobre drogas de modo imparcial e científico. A partir destas informações os jovens poderiam tomar decisões racionais e bem fundamentadas sobre as drogas.

O modelo da educação afetiva: Defende que jovens mais estruturados e menos vulneráveis, do ponto de vista psicológico, são menos propensos a se engajarem num uso problemático de substâncias psicoativas. Constitui-se, neste sentido, num conjunto de técnicas que visam melhorar ou desenvolver a auto-estima, a capacidade de lidar com a ansiedade, a habilidade de interagir em grupo, a comunicação verbal e a capacidade de resistir às pressões de grupos.

O modelo de oferecimento de alternativas: Procura propiciar aos jovens sensações de expansão da mente, crescimento pessoal, excitação, desafio e alívio do tédio, através de outros meios que não o consumo de drogas. As atividades que cumpririam o papel de propiciar estas sensações variam segundo os autores. KLITZNER e cols, 1991 *apud* CARLINI, relacionam algumas propostas americanas; a estruturação de pontos comerciais dirigidos e operados por jovens, sistema de orientação escolar de alunos mais jovens pelos mais velhos, atividades desportivas desafiadoras, atividades artísticas não diretivas, etc.

O modelo da educação para a saúde: Educar para uma vida saudável é a proposta central deste modelo. Assim, orientar para uma alimentação adequada, para atividades não propiciadoras de *stress*, para uma vida sexual segura, e até para a escolha correta da pessoa que dirigirá o carro num passeio de grupo compõem um currículo onde a orientação sobre os riscos do abuso do tabaco, álcool e outras drogas também se fazem presentes, KLITZNER e cols, 1991 *apud* CARLINI.

O modelo de modificação das condições de ensino: Defende que a vivência escolar, particularmente a da pré-escola e do ensino fundamental, vão ser fundamentais para o desenvolvimento do adolescente e adulto, Klitzner e cols, 1991 *apud* CARLINI. Nesta medida, a ênfase não é na prevenção ao abuso de drogas, mas sim na formação global de um indivíduo saudável. Suas estratégias pretendem constituir-se, assim, em ações de prevenção à delinquência, a patologias mentais e também ao abuso de substâncias psicoativas, Klitzner e cols, 1991 *apud* CARLINI.

Sua intervenção é intensiva, precoce e duradoura, apresentando grande tendência para envolver pais e comunidade em suas atividades, Klitzner e cols, 1991 *apud* CARLINI.

Este modelo tem cinco vertentes básicas, freqüentemente combinadas na prática interventiva:

- ❖ **Modificação das práticas instrucionais:** propõe várias iniciativas, como mudar as técnicas de ensino, tornando-as mais prazerosas e eficientes; modificar o conteúdo curricular ara aproximá-lo mais da realidade do aluno; me-

- lhorar a relação professor-aluno, oferecendo maior oportunidade ao estudante para colocar suas dúvidas e anseios.
- ❖ **Melhoria do ambiente escolar:** Procura mudar a estrutura organizacional e decisória da escola, dando mais espaço para os estudantes com seus pais e a comunidade participarem de seu planejamento.
 - ❖ **Incentivo ao desenvolvimento social:** Bastante parecido com o anterior, mas com uma ênfase particular nas relações pessoais entre os próprios alunos. Propõe atividades que visam incentivar a cooperação, a preocupação de uns com os outros, a solidariedade mútua.
 - ❖ **Oferecimento de serviços de saúde:** Oferece serviços de saúde gratuitos, dentro da escola, especialmente voltados para a necessidade dos adolescentes (problemas de aprendizado, estéticos, alimentação, stress ou orientação sexual).
 - ❖ **Envolvimento dos pais em atividades curriculares:** Procura envolver os pais na vida acadêmica de seus filhos. Isto tem sido proposto de duas formas: Tarefas para casa que devem ter a participação dos pais e workshops com pais, convocados pela escola, para trabalhar com questões relativas ao relacionamento pais/filhos e desempenho escolar.

Há um grande leque de escolhas para atuar numa perspectiva de diminuição dos riscos associados ao uso de drogas. No entanto, embora diversificadas em termos de ações concretas, todas se caracterizam por tentar oferecer subsídios e propiciar vivências, seja no campo do conhecimento ou do afeto, para que o estudante possa ser mais estruturado, consciente e questionador. Assim sendo, as ações não são obrigatoriamente com o sentido de rejeição total ao contato com as drogas. Acredita-se, somente, que quanto mais realizado e consciente estiver, menores são as chances de o jovem se envolver patologicamente com drogas. Reconhece-se, ainda, principalmente nas várias vertentes de modificação das condições de ensino, que a intervenção não precisa necessariamente visar o estudante, mas deve tentar modificar o ambiente em que ele vive. Admite-se, assim, que uma escola inadequada e injusta pode constituir um ator propiciador do abuso de drogas, deslocando a discussão para o campo da política edu-

cacional, do questionamento pedagógico e do comprometimento dos professores com o ensino. Resumidamente, substituiu-se o enfoque da guerra às drogas por uma ênfase na formação do jovem, encarado como capaz de discernir e optar, e como alguém que tem o direito de ser informado idoneamente sobre questões que dizem respeito a seu cotidiano.

3. MÍDIA E SUAS INFLUÊNCIAS

Atualmente quando se fala em futebol é impossível não pensar em cerveja. Ora, logo o esporte que para os leigos significa saúde, vem aliado ao consumo de álcool. No Brasil, diferente de outros países, é comum grandes jogadores de futebol vincularem sua imagem a propagandas de bebidas, em especial a cerveja. A cerveja também se alia ao esporte em termos mundiais, como na NBA (liga profissional de basquete americana), onde uma “grande marca” de cerveja patrocina este esporte e sua propaganda é fortíssima no meio. Em outros esportes, como a fórmula 1, o motociclismo, e outros esportes de veículos, até pouco tempo, víamos muitas marcas de cigarro patrocinando várias equipes.

O esporte não deve ser visto como um meio de produção de capital (como as empresas de álcool e cigarros o vêem), mas como um meio principalmente de educação e de prevenção. Não devemos ter a visão ingênua de que se jogando futebol ou basquete, por exemplo, consiga-se deixar pessoas longe das drogas (lícitas e/ou ilícitas). O *dopping* é um exemplo concreto disso mas, com a orientação correta sobre seu valor e utilização na formação de uma identidade pessoal e coletiva, no desenvolvimento da auto-estima elevada, o esporte, através da Educação Física Escolar, e suas variações pode educar as pessoas para que não consumam drogas, utilizando-se, dentre outros, do vínculo social que existe dentro deste. Através do esporte, produzir dinâmicas que envolvam o consumo de drogas, falar sobre seus efeitos e conseqüências fazendo assim uma prevenção mais correta, pode se mostrar como estratégia de impacto importante em busca da valorização da vida.

A indústria da droga, em especial do álcool e do tabaco, são impulsionadores desse consumo, através da mídia, veiculando imagens que nem sempre correspondem à realidade, impulsionando um mundo de sonhos e prazeres imediatos, mesmo que isso custe momentos significativos da vida das pessoas.

Recentemente uma marca de cerveja lançou uma promoção que as próximas propagandas seriam “com a cara de sua cidade”, então os consumidores estão gravando suas cenas consumindo a cerveja em questão, e mandam depois para a empresa selecionar e passar na televisão como sua propaganda, ou seja, além das empresas es-

tarem se utilizando da mídia e dos meios de comunicação de massa para influenciarem os cidadãos ao consumo exacerbado de álcool. Conseguiram unir o útil ao agradável, uma vez que conseguiram aumentar o consumo da bebida e gastam menos com as propagandas.

Outro meio que as empresas estão se utilizando, é o de vincular a imagem de homens e mulheres bonitas em suas propagandas, ou seja, colocando o corpo como um objeto de consumo, “como a cerveja deve ser”.

4. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado utilizando-se da pesquisa documental, na qual objetivou-se fomentar a discussão do problema do uso/abuso de drogas por adolescentes em idade escolar e a atuação do professores, em especial os de Educação Física, não apenas comentando sobre o assunto, mas trazendo uma abordagem psicodramática (utilização de dinâmicas de grupo) a respeito do assunto.

Para chegar a conclusão desse trabalho, foram consultados livros referentes à prática pedagógica do professor de Educação Física na escola, artigos sobre a prevenção e drogadição em âmbitos gerais e anais de congressos.

Partiu-se do princípio que as estratégias de prevenção às drogas comumente utilizadas na escola não estão surtindo o efeito esperado e em alguns casos até tendo o efeito contrário por despertar a curiosidade dos alunos. Baseado nesse pensamento, são apresentadas discussões sobre as dinâmicas como uma estratégia de prevenção, onde o assunto drogas é tratado de uma forma mais acessível e com a participação de todos os alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de drogas não é algo novo para a humanidade e não existem evidências de que deixará de acontecer. O consumo de diferentes substâncias psicoativas no trabalho, no lazer ou em rituais e festas, com papel agregador de comunidades, é comum a todas as culturas, e o uso social e religioso de drogas prazerosas, capazes de modificar o humor, as percepções e sensações, tem sido uma constante ao longo da história humana.

É necessário reconhecer que o fenômeno moderno das drogas é produto da própria vida em sociedade, das rupturas nas relações afetivas e sociais e da desproteção dos seus membros. Atualmente, as drogas são distribuídas segundo regras financeiras e comerciais de mercado, como todas as demais mercadorias, ocupando um lugar altamente lucrativo na economia e uma posição própria no modo de organização social.

O que se apresentou no trabalho foram apenas algumas formas de situar as pessoas para que saibam com o que estão lidando quando aparecerem as situações de oferecimento ou de primeiro contato com a droga.

As dinâmicas passam a ser um instrumento de auxílio aos professores e educadores no intuito de ajudar na formação do ser humano como um ser capaz de discernir para si quais os melhores caminhos para a sua vida.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARON, M. Drogas na escola, prevenção através do esporte. Projeto apresentado à disciplina projeto de pesquisa do curso de pós graduação do IBPEX, 2000.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental, Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física, Brasília, MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental, Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Temas transversais, Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARLINI-COTRIN, B. A escola e as drogas. O Brasil no contexto internacional. São Paulo, 1992. Tese de Doutorado em Psicologia Social. PUCSP.

COLETIVO DE AUTORES, Metodologia e ensino da Educação Física, São Paulo, Editora Cortez, 1992.

CRUZ, A. R. Ações preventivas ao abuso de drogas através das diferentes disciplinas escolares. IN: Educação e prevenção do abuso de drogas. Rio de Janeiro: Editora Universidade Santa Úrsula, 1992.

DEPARTAMENTO DE JUSTICIA DE LOS ESATDOS UNIDOS, Dirección de control de drogas, Sección de reducción de la demanda, En equipo venceremos, Washington DC página 1, 1985

FERREIRA, A B H., Novo Dicionário da Língua Portuguesa, 2 ed. Rio de Janeiro: Moderna, 1986.

FRITZEN, S. J., Dinâmicas de recreação e jogos, 23ª edição, editora Vozes, Petrópolis, 2001.

HAROLD, I. KALPAN, BENJAMIN J. SADOCK, Compêndio de psicoterapia de grupo, 3 edição ed. artes médicas, 1996, São Paulo.

KUNZ, E., Educação Física ensino & mudanças, Ijuí, editora Unijuí, 1991.

LUZ, A . A . da. (Org.). Programa de formação em prevenção. Curitiba: Conselho Estadual de Entorpecentes, 1994.

LUZ, A.A. da. Educação e prevenção ao abuso de drogas: limites e possibilidades. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

MILITÃO, ALBIGENOR E ROSE. Jogos, Dinâmicas & Vivências grupais, Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

NORONHA, F. D. A., VILELA, F. P., SOARES, R. O., Projeto agente – Casa das Flores: Uma proposta de intervenção pedagógica na realidade de meninas em situação de rua/ Prostituição na cidade de Goiânia, Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, caderno 3, p.1111, Florianópolis, 1999.

SANTIN, S., Educação Física outros caminhos, Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, Porto Alegre, 1990.

SANTOS, R. M. S., Prevenção de Droga na Escola, Uma abordagem psicodramática, Papirus Editora, Campinas, 1998.

SOARES, C. L., Imagens da Educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX, Campinas, editora Autores associados, 1998.

SOUZA, V. Programa de formação de adolescentes voluntários. O adolescente como protagonista. [Belo Horizonte]: Fundação Odebrecht/Programa Voluntários, 1999. Módulo 1.

MUÑOZ G. H., TERRA, D. V., Parecer sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais, Texto publicado no livro, Educação Física escolar frente à nova LDB e aos PCN's: profissionais analisam renovações, modismos e interesses, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Ijuí, editora Sedigraf, 1997

UNIANDRADE, Programa de Estudos e Estágio Supervisionado, Módulo III, Metodologia lúdico-vivencial: razões para sua escolha, Curitiba, 1999

UNIANDRADE, Programa de Estudos e Estágio Supervisionado, Módulo III, A escola e seu lugar social na prevenção. Curitiba, 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Normas para apresentação de trabalhos, 3ª edição, editora da UFPR, volumes 1-8, Curitiba, 1994.

ZIMMERMAN D. E., OSÓRIO L. C. e COLABORADORES, Como trabalhamos com grupos. Ed., artes médicas, 1995, São Paulo.